

# A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS

IGNIZ-PORTO

**ASSINATURAS**  
(Pagamento trimestral adiantado)  
CONTINENTE . . . . . 8400  
COLONIAS . . . . . 13800  
ESTRANGEIRO . . . . . 28800  
Numero avulso—3800  
Redacção e Administração  
R. Santa Catarina, 802—PORTO—(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR  
**ANTONIO MARTINS DA FONSECA**  
EDITOR  
**ALBERTO FERNANDES LEAL**

Toda a correspondência deve ser dirigida à Redacção.

**OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM**

Comp. e Imp. na Tipographia ARTES & LETRAS  
Rua Fernandes Tomás, 915—PORTO

1.º ano

Pôrto, 1 de Novembro de 1929

N.º 21

## ALFREDO HENRIQUE DA SILVA

No professorado português, onde ha talentos de primeira agua, avulta o nome do nosso homenageado, como um dos que mais brilho tem imprimido aos cargos que occupa no magisterio superior, com louvores geraes, e sympathias de todos os seus alunos.

De origem humilde, soube-se elevar pelo trabalho pertinaz e seu próprio esforço, aliando a uma honestidade inconcussa de caracter, o verdadeiro amor pelo seu mister, que honra e engrandece através de tudo.

Alfredo Henrique da Silva, nasceu nesta cidade do Pôrto, aos 18 de Janeiro de 1872.

Iniciou os seus passos na árdua e difficil carreira do ensino, como professor da lingua inglesa, que conhece admiravelmente, prática e teóricamente.

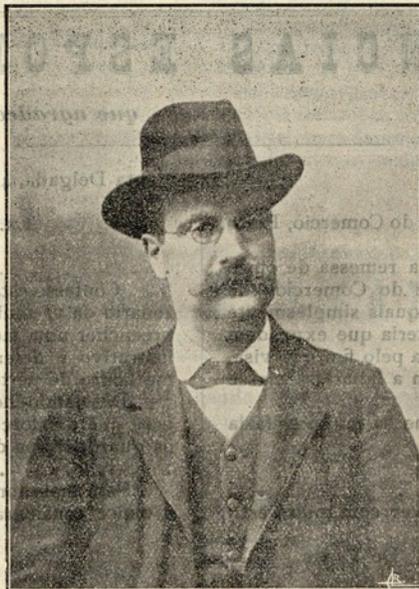
Tendo feito exame de admissão ao Instituto Industrial e Commercial do Pôrto, matriculou-se nesta Escola para tirar o curso superior de commercio que lá concluiu com exito no ano de 1895.

Em 1911 foi nomeado provisoriamente professor da Cadeira de Ingles do mesmo Instituto, tendo mais tarde prestado brilhantes provas em concurso publico para provimento do referido logar, que ficou occupando definitivamente.

Quando do desdobramento do Instituto Industrial e Commercial do Pôrto, em dois Institutos, que se efectivou por decreto de 1 de Dezembro de 1918, subiu ao logar de director do Instituto Commercial do Pôrto, e em seguida foi nomeado

professor do Instituto Superior de Comercio, desta cidade, onde rege com a maior proficiencia a 15.ª Cadeira.—Portos commerciaes nacionaes e estrangeiros.

Em 1924, quando da fusão dos



Alfredo Henrique da Silva

dois Institutos, ficou como director do Instituto Industrial e Commercial do Pôrto, logar que ainda occupa hoje, cumulativamente com o de professor da 22.ª Cadeira.—Geografia e Historia economicas geraes de Portugal e Colonias.

Na direcção desta Escola de ensino médio, tem ele afirmado os seus elevados dotes de intelligencia e os melhores predicados de austero disciplinador, sem prejuizo da mais esclarecida ponderação e recta justiça, no julgamento das diversas questões, que sempre surgem a quem dirige um estabelecimento de instrução.

Tendo dedicado as suas bellas faculdades intellectuaes especialmente ao ensino, foi sempre um professor consciencioso e duma grande clareza de exposição, exhibindo dia a dia, nos seus cursos, a mais racional e intelligente applicação das leis determinadas pela pedagogia moderna.

Em fins do ano de 1918, depois da Grande Guerra, embora os seus terriveis e maléficos efeitos ainda se fisessem sentir, quando o Povo se acotovelava á porta das padarias desde as primeiras horas da madrugada, indo até para lá algumas pessoas munidas de cobertores, para melhor poderem dormir estendidas nos passeios, Alfredo Silva, num impulso humanitario, demonstrativo das suas finas qualidades affectivas e esclarecida intelligencia, orientou os serviços de racionamento, criando as cartas com um certo numero de senhas, que eram entregues somente ao chefe de familia, dando direito a uma certa porção de pão, dependente da quantidade de pessoas que estivessem a seu cargo.

Foram seus activos e provei-

tosos auxiliares nessa santa e profícua cruzada, os alunos do Instituto Industrial e Commercial do Pôrto e de diversas escolas evangélicas desta cidade.

Acabaram assim as célebres *bichas*, de tão triste e confrangedora memória.

Durante muito tempo, o nosso homenageado foi preclaro secretário da Sociedade Protectora dos Animais, sendo actualmente presidente da sua Assemblieia Geral, tendo sempre afirmado os melhores testemunhos da sua dedicação para com ela, que tem patenteado por modo o mais palpavel e aplaudível.

Alfredo Silva é alto e espaduado, arcaboço rijo e organização

forte e resistente, sugerindo a quem o vê, a ideia dum desses homens beneficiados pela natureza com todos os detes físicos necessários para sustentar, no decurso da vida, uma lucta formidável de trabalho intenso e de esmagadoras fadigas.

Espírito lhano e cavalheiresco vive uma vida de uma modéstia encantadora e emocinante, convivendo de preferencia com os filhos do Povo, enxugando muitas lágrimas, minorando muitas desditas, exercendo o bem numa escala larguissima sem reclame, sem ostentação, sem ruído, numa simplicidade só comparavel á candura da sua alma, pura e boa como a alma de um justo!

Nunca á porta da sua casa,

batem inutilmente os orfãos ou as viúvas, implorando socorro ou valimento.

Nutre pela familia um verdadeiro culto, adorando os filhos e os netos, como bocados da sua alma diamantina.

O Pôrto conhece-o de sobra. Professor de grande cultura, muitissimo viajado, chefe de familia exemplar, honesto e bom, coração aberto a todas as grandes dôres, sempre pronto a colaborar em obras altruistas, eis, a ligeiros traços, o que é o homem a quem a nossa revista presta hoje mesquinha, ainda que sincera homenagem.

Francisco Guimarães

## Amigos de "A Voz do Comercio"

Em Setembro apresentaram novos assinantes os seguintes senhores, a quem, por isso, estamos profundamente gratos:

Francisco Guimarães—Porto.

José Duarte Graça—Vila Real de Santo Antonio.

Eliodoro Gonçalves Jota—Covilhã.

Bernardo Garcia de Brito—Coimbra.

Israel Cagi—Lisboa.

Capitão Soto Maior—Barcelos.

Antonio Correia Amaro—Vizeu.

Arlindo Paulo Ramos—Funchal.

José Farmhouse—Lisboa.

Francisco Antonio Godinho—Aljustrel.

João Gonçalves—Cebolais de Cima.

José de Figueiredo—Covilhã.

Miguel Lucio—Tortozendo.

Associação dos Empregados no Comercio de

Angra do Heroismo—Açores.

Silvino Soto Maior—S. João da Madeira.

Donato de Almeida—Vizeu.

## REFERENCIAS ESPONTANEAS

que agradecemos muito reconhecidos

Ceia, 4 de Maio de 1929.

Ex.<sup>mo</sup> Snr. Director de «A Voz do Comercio, Porto

Acuso em m/ poder a estimada remessa de cinco exemplares, n.<sup>os</sup> 1 a 5, de «A Voz do Comercio» de que V. é muito digno director, os quais simplesmente agradaram pela exuberancia da materia que expendem e é proficentemente tratada e ainda pelo fim que visa, que honra não só V. como tambem a laboriosa classe que representa.

Veio preencher uma lacuna que ha muito se fazia sentir.

Oxalá frotiquique.

Tenho a honra de me subscrever com muita estima e consideração,

De V. etc.

Manuel Joaquim Boas.

Ponta Delgada, 4 de Maio de 1929.

Ex.<sup>mo</sup> Snr. Antonio Martins da Fonseca

Confesso estar imensamente satisfeito com o quinzenario da v/ mui digna direcção, pois que alem de preencher uma lacuna no comercio nacional é bastante instrutivo e defensor da classe a que humildemente me honro de pertencer.

Desejando-lhe as maiores prosperidades, faço votos para que o esforço de V., seja compreendido por todos os guarda-livros do n/ Paiz.

Sem mais tomo a liberdade de subscrever-me com a maior consideração e respeito,

De V. etc.

Alexandre de Castro.

## INFORMAÇÃO

O Snr. Antonio Martins da Fonseca foi obrigado, por doença, a suspender temporariamente os seus artigos sobre escrituração para principiantes.

Como as melhoras se têm acentuado bastante, esperamos que brevemente poderá recommear.

## Contabilistas e Guarda-Livros

Obsequiai «A Voz do Comercio» enviando-lhe original tecnico e propagando-a, para que atinja o maior desenvolvimento possivel, que, consequentemente, ele será o vosso melhor meio de defeza e auxilio.

# SECCÃO TÉCNICA

## COMERCIO ANEDOTICO

Conta-se que havia em tempos que já lá vão, um negociante estabelecido na cidade do Porto, que nunca teve escrita. Um dia, um amigo disse-lhe que elle fazia mal em não contratar um guarda-livros para lhe fazer a escripturação da sua casa comercial que era de certa importancia, pois assim, sem livros, podia estar sujeito a suprezas desagradaveis e a prejuizos imprevisos, o que não aconteceria se tivesse uma escrita organizada, feita por pessoa competente.

A isto objectou o negociante que não era preciso. Tinha de cór os nomes dos que lhe deviam e a quem elle devesse que se queixasse! Mas, uma vez, teve uma questão com um fornecedor por causa dum suposto engano, segundo elle dizia, e foram parar ao tribunal. Claro, que como o outro tinha a sua escripturação bem arrumada e elle não, fez fé, como é da lei, a escrita do negociante prudente que foi quem ganhou a questão.

Então, pediu um guarda-livros. Mas... por quantos amargos da boca o bom do mercador fez passar o contabilista! Negava-se a dar-lhe esclarecimentos necessários á montagem da escrita; não queria de modo algum dizer quanto dinheiro tinha em cofre porque isso, objectava, eram segredos que não se revelavam a ninguém...

Este primeiro guarda-livros teve de ir embora sem nada poder fazer. Procurou outro que fosse... menos exigente e menos curioso.

Como não podia deixar de sêr, o segundo guarda-livros teve as mesmas exigencias do primeiro. O nosso homem sempre cedeu algum terreno, e concordou em revelar o segredo da existencia do numerario em caixa (talvez com grande abatimento...) e forneceu alguns dados para a abertura da escrita. Se não fosse

preciso mais nada, não haveria coisa de maior e podia talvez até o empregado não trabalhar; mas que lhe não pedisse elementos muito minuciosos...

Uma vez, e lá caiu Troia com estrondo, possivelmente com mais estrondo do que quando caiu pela primeira vez no fim dos dez anos do cerco que lhe puzeram os gregos... Uma vez, o guarda-livros viu no Borrão mencionada uma retirada do chefe da Casa. Foi ao memorial e escripturou:

Fulano (o nome do Chefe) DEVE  
Sua retirada nesta data—tanto

Quando o mercador viu isto, indignou-se e disse: —Então eu devo alguma coisa a alguém, sendo o dinheiro meu?

—Deve, respondeu o guarda-livros, deve á CAIXA.

—O Senhor está doido, volta o Chefe; eu não posso admitir, que sendo o dinheiro meu, o fique devendo. Isso de dever o meu dinheiro á caixa é uma trêta que os Senhores inventaram e eu antes quero estar como dantes, embora tenha de perder outra questão no tribunal.

E o guarda-livros foi despedido.

Que pênna que este homem não tivesse aprendido a escripturação comercial antes de chegar a negociante!

O' Santo Lucca Pacciolo, toca, se podes, nos corações de todos os que labutam no comercio e na industria para aprenderem a maravilhosa arte que tu praticaste e ensinaste com tanta devoção como utilidade!

Braz Porto

## SINTHETISAÇÃO E ANALYTISMO

A preocupação dos actuais orientadores da actividade dos povos, resume-se naquelles principios da Economia Politica que estatuem que a productividade do trabalho augmenta pela cooperação e augmenta pela especialisação, o que por mais paradoxal que pareça, attendendo a que os dois principios são francamente oppostos, visto que a cooperação implica relação e especialisação exprime individualismo, ou melhor, numero e unidade, está certissimo.

E embora não valha a pena para o nosso fim, expor aqui as razões do facto, não será sem interesse que elle, resumidamente, se explique.

E a explicação é tanto mais facil quanto é certo que a propria Economia no-la dá, dizendo que: a força de um trabalho combinado é maior que a somma do trabalho das unidades que o compõem tomadas uma a uma.

Apesar disso porem, a moderna organização do trabalho reorganizando a cooperação, simplifica, está dividindo o trabalho por especialisações, aproveitando assim o maximo rendimento da Unidade e tor-

nando esta, como força, um poderoso elemento da cooperação.

O triumpho de Ford (Ford é hoje o exemplo vivo da cooperação e da especialisação e talvez o seu inventor) vem em abono da verdade, porque o avô do automovel soube crear para cada uma das mil peças do seu auto, os mil operarios especializados em cada uma dellas.

Esta especialisação da unidade deu como resultado a qualidade, a quantidade e o tempo, trez factores importantissimos no preço do custo, e o maior salario, factor quasi transcendental porquanto elle cria no espirito do operario o gosto pelo trabalho e o orgulho pela obra ao mesmo tempo que lhe incute, por um egoismo proprio do individuo, (e abençoado egoismo) por uma maior produção sem perda da qualidade, na mira de um maior beneficio.

Esta é a razão por que nós achamos hoje no operario Norte Americano não o prolectario da velha Europa, mas o burguez deste seculo, com seu con-

forto, sua vontade de viver, sua satisfação natural, des preocupado, contente...

## II

A divisão do trabalho trazendo como consequencia a especialidade, cria o maior rendimento.

Esta lei (se é que lei lhe poderemos chamar) pode ou não pode ser applicada á contabilidade?

Indiscutivelmente que sim.

Mas na contabilidade surge um problema, o da cooperação, o da quantidade de unidades necessarias á especialisação que no Commercio não pode fazer-se por uma quantidade dessas unidades o que implica uma maior despeza. Temos portanto que resolver o problema por um arranjo de livros substituindo a cooperação pela synthetisação.

Para isso o Commercialista tem de valer-se do Technico, do Especialista, que resumindo em si, e o qual a possui já, por virtude dos seus conhecimentos a noção do synthetico, tem toda a vantagem de fazer substituir pelos novos processos de escripturação os velhos meios analyticos e trabalhosos, extraordinarios consumidores de tempo e de energia.

E não será difficil faze-lo, attendendo a que, conforme vemos nos quadros abaixo essa redução de trabalho se pode fazer sem perda do detalhe, da analyse, da demonstração.

Ora vejamos esta velha escripturação:

Memorial	{ Compras Vendas Lettras a Pagar " Receber Caixa Devedores         }	} Diario analytico         }	} Razão analytico         }	} Inventario e Balanços	

e comparemo-la com esta outra:

Memorial	{ Compra Vendas Lettras a Pagar " Receber Caixa Devedores e Credores         }	} Diario analytico         }	} Diario synthetico         }	} Razão synthetico         }	} Inventario e Balanços	

que por nossa vez podemos comparar com esta outra mais moderna:

Memorial	{ Lettras a Pagar " Receber Caixa Devedores e Credores         }	} Diario synthetico         }	} Razão synthetico         }	} Inventario e Balanços	

a qual ainda pode ser comparada com esta outra que é, todo o caso particular posto de parte, a mais racional:

Memorial	{ Caixa         }	} Diario synthetico         }	} Razão synthetico         }	} Inventario e Balanços	

Devedores e Credores

se bem que a concepção que cria esta tem de obedecer a um criterio que em commercio não é seguido por todo o mundo e é até certo ponto illegal—o da suppressão pura e simples dos livros de lettras.

Este criterio é hoje utilisavel, porque falliu o respeito pelo accete, e porque, por este facto, muitos commerciantes não desejam augmentar o seu movimento de cifras, o movimento das duas contas correntes, por verdadeiros lançamentos que só exprimem uma falsa operação.

Claro que isto é criterio, que nós podemos achar justo, accetavel mesmo, mas que por virtude da lei é illegal, apesar da theoria geralmente corrente de que o accete representando um compromisso esse compromisso representando um valor negociavel, e sendo negociado, o accetante deve ser creditado pelo seu montante. D'accordo, embora nós preferamos creditar o cliente depois da liquidação, substituindo o movimento de contas correntes, no que respeita a Lettras pela Conta Corrente de Lettras com o respectivo Banco tomador.

Isto, porem, e como acima se diz é critério que pode ser errado, mas que sendo ou constituindo um caso especial não é susceptivel de discussão, mesmo porque não pode discutir-se uma illegalidade, muito menos um caso que pode, embora o não seja, ser unico.

## III

Qual a conclusão a tirar de todo este arrazoado? Simples. O de começar a reacção contra os falsos fazedores de escripturação, o de começar a incutir o gosto pela synthetisação dos serviços da contabilidade comercial, o de dizer aos commerciantes de Portugal que elles tem necessidade de mudar de rumo chamando para seu lado os que por virtude dos seus conhecimentos podem reduzir a complexidade da sua escripturação á sua expressão mais simples, até á clareza que indique a um chefe duma casa commercial, desconhecedor da contabilidade, o movimento, a situação dos seus negocios, a sua propria situação, com a rapidez que só uma organização perfeita lhe pode dar.

Acabar com a theoria espantosamente idiota de que só o viajante, o empregado do balcão trabalham e rendem; de que o guarda-livros não passa de um parasita por disposição da lei comendo dos lucros do commerciante, mas a quem o commerciante recorrenas horas amargas da sua vida de negocios esquecendo-se nessas horas do valor do seu caixeiro, da consideração do seu viajante e só confidencia com aquelle que no tempo das vacas gordas elle esquecia, enquanto o desgraçado sobre a sua secretaria contava dia a dia os haveres de quem na sombra e na luz o menosprezava e o prejudicava em beneficio dos que só materialmente, por força das circunstancias, e por virtude de um nome produzem alguma cousa.

E assim está certo.

Fozcôa, 19-10-29.

L. M.

O comércio, perdeu o seu carácter aventureiro e empirico, tornou-se uma verdadeira sciência de observação, porque exige um estudo atento e providente dos factos actuais e possiveis; sciência de experiencia, porque exige um conhecimento exacto e preciso dos que se produzem em circunstancias análogas.

Henri Cons.

# ENTRE LEITORES

Resposta á consulta n.º 8:

## ENDOSSO e AVAL

1.º caso:

Lançamento a fazer no Diário da firma a quem foi prestado o aval:

**Titulos com aval a Credores por aval**

Pereira & C.ª

Pelo aval prestado no meu aceite n.º 35. . . . . 30.000\$00

Lançamento a fazer no Diário do dador do aval:

**Devedores por aval a Aval**

Oliveira & Filhos

Pelo aval prestado no s/ aceite n.º 35, saque de Guimarães & C.ª, com vencimento em 30 de Janeiro de 1930. . . . . 30.000\$00

2.º caso

Lançamento a fazer no Diário do aceitante:

**Devedores e Credores a Responsabilidade por aceite**

Silva & Filhos

Pelo n/ aceite de s/ saque, destinado a caucionar uma abertura de credito a favor dos mesmos no Banco Mercantil . . . . . 20.000\$00

Lançamento a fazer no Diário do sacador:

**Devedores e Credores a Devedores e Credores**

Banco Mercantil—C/ Garantia a Mendes & C.ª

Pelo s/ aceite do n/ saque, dado como garantia ao referido Banco, pela abertura de um credito a n/ favor . . . . . 20.000\$00

3.º caso:

Lançamento a fazer no Diário do aceitante:

**Devedores e Credores a Devedores e Credores**

Banco Peninsular—C/ Garantia a Costa & Araujo

Pelo endosso do s/ saque, n/ aceite, dado como garantia ao referido Banco, pela abertura de um credito a n/ favor . . . . . 25.000\$00

Lançamento a fazer no Diário do sacador .

**Devedores e Credores a Responsabilidade por endosso**

Oliveira & C.ª

Pelo endosso do n/ saque, s/ aceite, destinado a caucionar uma abertura de credito no Banco Peninsular a favor daquela firma . . . . . 25.000\$00

Porto, 1929

*Arnaldo Moreira*

# ESTENOGRRAFIA

V

Como prometido, vamos, então, fazer uma muito rápida e superficial análise aos sistemas de estenografia, não a todos, bem de vêr, mas apenas aos actualmente mais em voga e reputados como os mais importantes, para verificar que nenhum deles satisfaz, de modo completo, ás condições que estabeleci. Começemos pelos

## Sistemas franceses

Na lingua francêsa, os sistemas actualmente mais usados são o Prévost, de que ha varias modalidades (Prévost-Delaunay, Prévost-Havette. etc.) e o Duployé.

O Prévost é um sistema geometrico. Não tem sinais para as vogais, pelo que suprime, absolutamente, as vogais do interior das palavras, e as do principio e fim representa-as por pontinhos colocados em varias posições. Serve-se do engrossamento para distinguir sinais. Abusa do expediente de represen-

tar varios sons elementares do alfabeto pelo mesmo sinal e alguns desses sinais são compostos. E' abundante de varias regras trabalhosas que é preciso fixar e ter presentes na prática. E', por tudo isto, um sistema muito longe do ideal, de estudo moroso e complicado e de laboriosa difficuldade ao traduzir-se.

Actualmente está tornando-se bastante popular em França o sistema de Duployé que é, tambem, um sistema geometrico, posto que de traçado mais fluente que o Prévost. Não tem engrossamentos, não tem posições, representa os sons elementares por sinais simples e a sua aprendizagem faz-se rapidamente, pela simplicidade da sua theoria. Esta simplicidade dava-lhe, porem, pouca velocidade, a não ser que fosse praticado durante largos anos—desde a infancia, como recomendava e desejava o seu autor, o qual, para obviar ao apontado inconveniente, aconselhava usar algumas abreviaturas de palavras, e escrever, das palavras longas, apenas o principio indispensavel

para a sua tradução. Qualquer outro expediente ele condenava energeticamente, pois complicava e, por isso, obrigava a «pensar», portanto a hesitar na escrita e na leitura. Mais tarde, uma comissão de partidários do sistema, achando que este não dava resultados práticos «imediatos» inteiramente satisfatórios, agregou-lhe uma segunda parte a que chamaram «métagrafia», e é com este acréscimo, feito contra o espirito e teorias do autor (que, por falecido, não poudo recalçar) que o sistema actualmente corre mundo. Ora, se tal acréscimo notabilizou o sistema por uma velocidade consideravel que proporciona, por outro lado torna-o difficil de estudar, complicado bastante.

Está muito mais perto da perfeição que o de Prévost sem porém, a alcançar. Representa varios sons elementares pelo mesmo sinal; o seu sistema de ligações das vogais, bem como o grupo de ditongos nasais, não são das coisas mais felizes (por varios motivos que, a ter de os explicar, seriam, pela minucia de tecnicismo, só para meia duzia de leitores—terei eu, mesmo no geral, «meia duzia» de leitores?)

#### Sistemas alemães

Estes sistemas tem, em geral, o character acen-tuadamente caligrafico; de tal maneira, que as notas por eles tomadas são, para leigos, confundiveis com a escrita usual (já se vê, numa lingua estranha), Alem

disto, em vez de seguirem uma escrita baseada na fonética (em que quasi todos os outros sistemas se baseiam) seguem a ortografia etimológica, tendo sinais especiaes para representar todas as letras do seu alfabeto e ainda mais alguns para grupos de letras muito comuns no alemão (sch, schw, mpt, etc.). Porem, para apresentarem esta vantagem, servem-se muito de sinais «compostos», e alguns deles mesmo muitissimo compostos, e usam largamente dos engressamentos para representar vogais, servindo-se, tambem, muito, da posição. Usam mesmo duma pauta especial durante a aprendizagem, a qual lembra a pauta musical.

O sistema Stolze-Schrey é, a meu vêr, mais simples, mais lógico, mais perfeito que o de Gabelsberger; e tem sido estes os mais usados na Alemanha e Suissa alemã, bem como, em adaptações, na Austria, Polonia, Russia e mesmo na Italia. Modernamente, uma comissão creio que nomeada pelo governo alemão elaborou e foi adoptado oficialmente, julgo eu, um sistema de estenografia que é uma salada de Gabelsberger e Stolze-Schrey, sendo, a meu vêr, menos recomendavel que este ultimo.

Pela breve exposição que acaba de lêr-se vê-se que tambem estes sistemas não podem merecer a qualificação de perfeitos.

(Continua)

Candido Craveiro

## QUESTÕES JURIDICAS

**Não ha opposição entre o Ac., que decide que a responsabilidade pessoal, ilimitada, dos sócios de uma sociedade por cotas, pelos actos praticados em nome desta, enquanto não estiver registada a sua constituição, subsiste mesmo depois de feito o registo, pelo que os ditos sócios são partes legitimas para responder na acção, onde se lhes pede essa responsabilidade, e o que decide que a falta de registo duma sociedade por cotas não importa a sua inexistencia legal, mas apenas os efeitos do § 4.º do art. 61 da Lei de 11 de Abril de 1901 e art. 57 do Cód. Com., sendo, assim, essa sociedade parte legitima em uma acção de despejo, visto ter provado que adquiriu o prédio arrendado e, em seu favor fez o registo da transmissão.**

Ac. do Sup. Trib. de just.—de 9 de Novembro de 1928.—em ag. com. da Rel. do Porto. Agravantes, Maximiano Alves e outros; agravado, Dionisio Ferreira.

Acordam os do Sup. Trib. de just.

Vê-se do acórdão de fl. que, tendo Dionisio Ferreira deduzido acção de processo commercial ordinário contra Maximiano Alves e outros, individualmente, como sócios da firma M. Machado, L.da, para os compellir ao cumprimento de obrigações originariamente tomadas por esta, que ao tempo de as aceitar se não achava registada, foram aqueles julgados réus legitimos na causa, com fundamento na disposição do § 4.º do art. 61 da L. de 11 de Abril de 1901, reguladora das sociedades por cotas, como era aquella, o qual estatui que, quem contrata em nome duma sociedade não registada, responde pelas obrigações contractuais pessoal, ilimitada e solidariamente, para com todos aqueles, que tenham tomado parte no contrato.

Mais se observa que naquele acórdão, nem directamente, nem como desenvolvimento da matéria, se discutiu a legitimidade da firma como R. se a acção, em vez de ter sido dirigida contra os sócios, o tivesse sido imediatamente contra ela.

Não abstante isto, os vencidos, dizendo em sua petição de fl., que a decisão, que as considerou legitimos na causa, «consequentemente julgou a sociedade parte ilegítima», pretendem que aquele julgado se acha em opposição com o Ac. dêste Sup. Trib., de 4 de Maio de 1927, publicado na Col. Of., ano 26, pág. 142, em que se decide que as sociedades commerciaes por cotas são parte legitima como autoras.

Depois de expõem isto e as mais considerações, com que defendem o seu intuito, requerem que em Tribunal Pleno se assente a doutrina de que a sociedade por cotas, constante de escritura pública, é parte legitima para demandar e ser demandada, e que, feito o registo da sua contribuição, os sócios são parte ilegítima para serem acionados para cumprimento de obrigações em nome dela contraídas anteriormente ao registo.

Contra esta pretensão se insurge o recorrido Dionisio Ferreira, pedindo que, nos termos de § 2.º do art. 66 do Decreto n.º 12.353, o processo seja levado á conferência para se decidir, desde logo, que o recurso não deve ter seguimento, por que ambos os acórdãos sustentam, na parte que interessa, doutrina legal, sem que haja opposição entre elles.

Examinando o acórdão, que se aponta como colidindo com o precedente, verifica-se que êle, se encima com a seguinte sùmula:—«A falta de registo duma sociedade por cotas não importa a sua inexistencia legal. Essa falta produz somente os efeitos do § 4.º do art. 61 da L. de 11 de Abril de 1901 e art. 47 do Cód. Com.

«E', pois, essa sociedade parte legitima em uma

# CURIOSIDADES MATEMATICAS

## Cubagem de potes para azeite, de forma cilíndrico-troncô-cônica

Estamos no periodo de intensiva colheita de azeitona, que este ano promete fornecer abundantemente o seu precioso óleo, e aos olivicultores impende ir preparando o vasilhame que o há de receber.

Possivelmente, alguns desconhecirão a capacidade de recipientes que possuem. Para esses vão estas linhas, com o fim de os poupar á maçada da medição directa.

Como as vasilhas em questão teem a forma dum cilindro e tronco de cone juxtapostos, ordinariamente, na sua medição geométrica, determina-se a capacidade dos dois elementos separadamente, utilizando as conhecidas fórmulas  $V = 3,1416 R^2 H$  e  $v = \frac{3,1416 (R^2 + r^2 + Rr) h}{3}$ .

Este cálculo pode, porém, abreviar-se bastante, reunindo as duas fórmulas e fazendo as possíveis simplificações. Tendo isso em vista, deduzi a fórmula  $V + v = \frac{37,7 (C^2 + c^2 + Cc) h + 3 C^2 H}{3}$ ,

em que  $V$  e  $v$  representam, respectivamente, os volumes da parte cilíndrica e da tronco cônica,  $C$  e  $c$  as circunferências maior e menor e  $H$  e  $h$  as alturas da parte cilíndrica e da tronco-cônica.

Sendo a fórmula retro extremamente complicada, requiere mnemonização, Ei-la :

<i>Leitor amigo, se queres</i>	<i>Segue-se a parte em cilindro,</i>
<i>Potes de azeite cubar,</i>	<i>Cuja altura, uma vez,</i>
<i>Forçoso é procederes</i>	<i>Multiplicarás por três</i>
<i>Como eu te vou ensinar;</i>	<i>Circunf'iências ao quadrado</i>
	<i>E agora, finalmente,</i>
	<i>Tudo isto somarás</i>
<i>Toma as duas circunf'iências</i>	<i>Com o produto que atrás</i>
<i>Da parte em cone truncado;</i>	<i>Já deixaste efectuado,</i>
<i>De cada forma o quadrado,</i>	
<i>E o produto acha também.</i>	
<i>Estas três parcelas soma,</i>	<i>Quem esta regra te cnsina</i>
<i>E o total, que se apura,</i>	<i>Cubagem certa promete</i>
<i>Multiplica pela altura</i>	<i>Se p'ra divisor tomares</i>
<i>Que o tronco de cone tem.</i>	<i>Três, sete, virgula, sete.</i>

Para exemplificar, suponha-se um pote, cuja

capacidade se pretende determinar, em que é  $H = 0,84$   $h = 0,19$   $C = 2,7$   $c = 1,38$ .

Teremos:

$$\begin{aligned} & (2,7^2 + 1,38^2 + 2,7 \times 1,38) 0,19 + 3 \times 0,84 \times 2,7^2 \\ &= \frac{37,7}{3} (7,29 + 1,9044 + 3,726) 0,19 + 18,3708 \\ &= \frac{20,825676}{37,7} = 0,5524 = 552,4 \end{aligned}$$

A capacidade do pote é, pois, de 552,4.

*Dedução da fórmula:*

Os volumes com truncado e do cilindro são dados pelas fórmulas:

$$V = \frac{3,1416 (R^2 + r^2 + Rr) h}{3} \quad e \quad v = \frac{3,1416 R^2 H}{3}$$

equivalentes ás seguintes, em função das circunferências.

$$v + V = \frac{\left( \frac{C^2}{4 \times 3,1416} + \frac{c^2}{4 \times 3,1416} + \frac{Cc}{4 \times 3,1416} \right) h}{3} + \frac{C^2 H}{4 \times 3,1416}$$

$$\begin{aligned} & \text{Logo:} \\ & v + V = \frac{\left( \frac{C^2}{4 \times 3,1416} + \frac{c^2}{4 \times 3,1416} + \frac{Cc}{4 \times 3,1416} \right) h}{3} + \frac{C^2 H}{4 \times 3,1416} \\ & \text{ou, como é:} \end{aligned}$$

$$12 \times 3,1416 = 37,699 \dots \text{ aproximadamente } 37,7,$$

$$v + V = \frac{(C^2 + c^2 + Cc) h + 3 C^2 H}{37,7} \quad \text{q. e. d.}$$

(Continua)

Compilações de **Damito**

acção de despejo, visto ter provado que adquiriu o prédio arrendado e, em seu favor, fez o registo da transmissão.»

Esta síntese, absolutamente harmónica com a doutrina firmada no acórdão, donde procede, encerra-a por completo, nada se reconhecendo nêlo que, mesmo em desenvolvimento de princípios gerais, ali se não ache compendiado. donde está, pois, a colisão?

Na decisão recorrida assenta se em que os sócios duma sociedade por cotas, não registada, são réus legítimos nas acções, em que se busque o cumprimento de obrigações anteriores ao registo, por êles contraídas em nome de sociedades irregulares por falta de registo, litigimidade que resulta do cit. § 4.º do art. 61 da L. cit. e que se mantém posteriormente ao registo quanto aos actos contratuais praticados pelos sócios anteriormente ao mesmo.

O acórdão não traduz, nem imediatamente, nem deductivamente, a doutrina de que as sociedades irregulares não sejam parte legítima, quando demandadas por obrigações tomadas em seu nome.

A decisão, que se dá para confronto, estabelece o principio de que tais sociedades são pessoas legítimas, como autoras, no caso que discute, e, genera-

lizado aquele, tem de entender se que essa legitimidade abrange todos os casos, em que essas sociedades sejam portadoras do direito, cuja efectivação procurem, e isto porque a falta de registo somente tem a sancção daquele § 4.º do art. 61 cit. o qual leva exactamente ao preceito contido no acórdão arguido.

Porque, como se demonstrou, não há doutrina em opposição, julgam procedente a reclamação discutida e decidem que, em obediência ao disposto no § 2.º do art. 66 do Dec. n.º 12.353, o recurso não prossiga. Custas pelos recorrentes.

Lisboa, 9 de Novembro de 1928.—Teixeira de Queiroz.—Castro e Sola.—A. Osório de Castro.

**Nota.**—Efectivamente, não há opposição entre as 2 referidas decisões tomadas, respectivamente, nos Acs. de 15 de Junho de 1928 a 4 de Maio de 1927 (nesta **Gaz.**, t. 42, n.º 13, pág. 205, e t. 41, n.º 14, pág. 222, a ambas as quais demos o nosso assentimento. E o Ac. bem o demonstra.

Vejam-se ainda, sobre o assunto, os Acs. de 21 de Dezembro de 1927 e da Real. de Lisboa de 22 de Janeiro de 1929, tambem nesta **Gaz.**, t. 41, n.º 22, pág. 346, e t. 42, n.º 21, pág. 323.

*Da Gazeta da Relação de Lisboa,*  
n.º 2 de 16 Maio de 1929

# SISTEMA DE CONTAS DE UM MOINHO E FABRICA DE MASSAS

**1. Capital**

**2. Perdas e Lucros**

**Debito:** Prejuizo nas vendas de mercadorias.  
Lucro liquido por occasião do balanço.

**Credito:** Lucro na produção de farinha.  
Lucro na produção de massas.  
Lucro na venda de mercadorias.

**3. Despezas Gerais**

**Debito:** Juros sobre o capital industrial.

Quota de amortisação de capital immobilizado.  
Impostos.  
Consumo de agua.  
Consumo de luz.  
Ordenados.  
Despezas de escritorio.  
Correio e telegrapho.  
Informações comerciais.  
Juros, descontos e selos.  
Viagens.  
Publicidade.  
Gratificações e Beneficencia.  
Diversos.

**Credito:** Quota attribuida á conta: «Produção de Farinhas».  
Quota attribuida á conta: «Produção de Massas».

**4. Conta de Força Motriz**

**Debito:** (desenvolvimento de acôrdo com a natureza da força empregada).

**Credito:** Quota attribuida á conta:  
Produção de Farinhas.  
Quota attribuida á conta. Produção de massas

**5. Produção de Farinhas.**

**Debito:** (Trigo passado á fabricação).

Mão de Obra.  
Premios de Seguros sobre a vida dos operarios.  
Seda.  
Concertos de sacos.  
Manutenção e concertos diversos.  
Quota de despesa de força motriz.  
Quota de despesas gerais.  
Despezas diversas.  
Refugos e faltas.  
Lucro sobre a produção.

**Credito:** Valor Corrente dos generos produzidos, sendo:

Farinha de 1.<sup>a</sup> qualidade.  
» » 2.<sup>a</sup> »  
» » 3.<sup>a</sup> »  
» » 4.<sup>a</sup> »  
» » 5.<sup>a</sup> »

Farelo  
Refugo

**6. Produção de Massas**

**Debito:** Farinha passada á fabricação.

Mão de Obra.  
Seguro da vida dos operarios.  
Amarelo Naphtol.  
Azeite lubrificante.  
Carvão para o aquecimento da agua.  
Couro para prensas.  
Manutenções e concertos.  
Quota de força motriz.  
Quota de despesas gerais.  
Despezas diversas.  
Quebra e faltas.  
Lucro liquido por occasião do balanço.

**Credito:** Valor corrente dos artigos produzidos, a saber:

Massa comprida de 1.<sup>a</sup> qualidade.  
» » » 2.<sup>a</sup> »  
» » » 3.<sup>a</sup> »  
» » » ..... »

Massa miuda de 1.<sup>a</sup> qualidade  
» » » 2.<sup>a</sup> »  
» » » ..... »

**7. Armazem**

**Debito:** Trigo

Farinha { 1.<sup>a</sup> qualidade.  
2.<sup>a</sup> »  
3.<sup>a</sup> »  
..... »

Farelo  
Refugos.  
Massa comprida de 1.<sup>a</sup> qualidade.  
» » » 2.<sup>a</sup> »  
» » » 3.<sup>a</sup> »  
» » » ..... »

Massa miuda de 1.<sup>a</sup> qualidade.  
» » » 2.<sup>a</sup> »  
» » » ..... »

Papel.  
Caixas.  
Cestos.  
Sacos.  
Generos diversos  
Transportes, Carretos, etc.  
Comissões e descontos.  
Lucro sobre vendas, por occasião do balanço.

**Credito:** (Generos como no debito).  
Transportes, Carretos, etc.  
Comissões e descontos.  
Perdas nas vendas, por occasião do balanço.

**8. Maquinas e Utensilios.**

**9. Moveis.**

**10. Caixa.**

**11. Efeitos Activos**

**12. Efeitos Passivos.**

**13. Devedores.**

**14. Credores.**

Contabilista *Alfredo de Felice.*  
Do "Il Monitore dei Ragionieri"

# QUESTÕES PRATICAS DE CONTABILIDADE

## CASAS COM SUCURSAIS

(Continuação)

Diario da Casa Central

1915—Janeiro—1

Caixa

**Sucursal de Santos  
a Diversos**

Os seguintes valores remetidos:

**a Caixa**

Dinheiro . . . . .	10.000\$--	
Pago por um cofre de ferro e despacho . . . . .	2.000\$--	12.000\$--

**a Mercadorias Gerais**

Nossa factura n.º 25 . . . . .	27.500\$--	39.500\$--
--------------------------------	------------	------------

**Sucursal de Campinas  
a Diversos**

Remessa dos seguintes valores:

**a Caixa**

Dinheiro . . . . .	7.200\$--	
Compra e despacho de um cofre . . . . .	1.000\$--	8.200\$--

**a Mercadorias Gerais**

Factura n.º 156 . . . . .	20.000\$--	28.200\$--
---------------------------	------------	------------

Dezembro 31

**Diversos  
a Mercadorias Gerais**

Expedidas ás nossas sucursais

**Sucursal de Santos**

Factura remetida . . . . .	25.000\$--	
----------------------------	------------	--

**Sucursal de Campinas**

Idem como acima . . . . .	4.000\$--	29.000\$--
---------------------------	-----------	------------

**Mercadorias Gerais  
a Sucursal de Santos**

Recebidas da mesma . . . . .		6.000\$--
------------------------------	--	-----------

**a Diversos**

Recebido de nossas sucursais:

**a Sucursal de Santos**

Sua remessa . . . . .	15.000\$--	
-----------------------	------------	--

**a Sucursal de Campinas**

Idem como acima . . . . .	10.000\$--	25.000\$--
---------------------------	------------	------------

**Sucursal de Campinas  
a Sucursal de Santos**

Valores expedidos como segue:

Dinheiro . . . . .	3.000\$--	
Mercadorias . . . . .	2.000\$--	5.000\$--

**Sucursal de Santos  
a Sucursal de Campinas**

Debito de Luiz de Azevedo, transferido desta para aquela . . . . .		2.500\$--
--	--	-----------

**Sucursal de Santos  
a Contas Correntes**

**a Pergentino de Freitas**

Seu credito tranferido de Santos para aqui . . . . .		3.000\$--
--	--	-----------

**Contas Correntes  
a Sucursal de Campinas**

Pago por n/ ordem a Antonio de Souza Pinto . . . . .		5.500\$--
--	--	-----------

**Sucursal de Campinas  
a Contas Correntes**

**a João Ferraz**

Seu debito transferido para ali . . . . .		2.400\$--
---	--	-----------

(Continua)

Carlos de Carvalho

E' um principio incontravelso que o desenvolvimento comercial é um factor primário da vida e do progresso dos povos. A forte aspiração humana—ganhar dinheiro—é saciada tanto quanto possível pelo **Comercio**, sem o qual a industria, as artes, a agricultura, a propria civilização, tudo fenece. Como ilação a prosperidade dum povo hade caminhar na razão directa do seu comércio. Outros conhecimentos, porém, são exigidos hoje ao comerciante que não queira limitar a sua esfera de acção a umas acanhadas transações realizadas a medo num modesto balcão de aldeia. O comerciante moderno precisa duma instrução completa, bem sólida pela qual possa abalançar-se, convicto do seu valor, ás mais arrojadas empresas, engrandecendo a industria, impulsionando a agricultura, desenvolvendo, enfim, a riqueza.

A prospriedade duma casa não depende dum amor de lucro desmedido, mas de trabalho, honestidade e competencia.

## QUADRO RÉCAPITULATIVO DO BALANÇO GERAL, DO INVENTARIO E DE PERDAS E GANHOS EM FIM DE EXERCICIO

(Continuação)

Este quadro não serve só a mostrar a harmonia da escrituração, mas também ministra, já promptos e classificados, os elementos para formarmos o Balanço, e fecharmos as contas no Razão.

Ao lado de todas as contas de operações achamos nas colunas — Inventario — e — Ganhos e Perdas — as quantias por que se fecham essas contas; assim é que ao lado de Caixa, e procurando em — Inventario —, temos 3:000\$00 em debito de Balanço; é a soma, que lançada a credito de Caixa, fecha esta conta; na mesma linha, sob o titulo de Ganhos e perdas, não está assente quantia alguma, o que quer dizer que a conta de Ganhos não é precisa para fechar a de Caixa. O mesmo em Letras a pagar e em Letras a receber.

Deixando a conta seguinte, que é de resultados, e não de operações, temos a de Utilidade Publica; succede o mesmo que nas antecedentes.

*Gastos geraes:* na respectiva linha, e sob o titulo Inventario, estão 218\$00 em debito; e sob o titulo de Ganhos e perdas 475\$00 também no debito; isto mostra que temos a creditar Gastos geraes; 1.º por Balanço 218\$00. 2.º por Ganhos e perdas, 475\$00.

As contas de Gastos de casa saldaram-se só por Ganhos e perdas, visto não estar soma alguma lançada na respectiva linha, em Inventario.

As contas de João de Souza, Manoel Brito e José Corrêa saldaram-se por Balanço.

*Panos crus:* credita-se por Balanço em 9:500\$00, debita-se a Ganhos e perdas em 4:881\$00.

*Lãs:* credita-se por Balanço em 23:000\$00, e debita-se a Ganhos e perdas em 11:080\$00.

O leitor pôde facilmente conhecer que as indicações dadas por este quadro reduzem a trabalho puramente material o de fechar as contas de operações no Razão. Quantoá de Ganhos e perdas, debita-se e credita-se pelas quantias que no quadro estão já classificadas; os titulos de seus devedores e credores acham-se nas linhas respectivas sob o titulo **Contas**; a de Capital debita-se pela diferença entre o activo e o passivo; palavras *Capital actual* já o indicam; finalmente a conta de Capital fecha-se, como está indicado sob o quadro, creditando-a pelo lucro; fazendo a contrapartida em Ganhos e perdas, esta conta está saldada.

Seria quasi desnecessario indicar como se devem ter lançado no Diario as partidas correspondentes a todos estes debitos e creditos; comtudo, para complemento do que fica dito, dar-nos-emos a este trabalho.

Como se trata de partidas que sómente se referem a resultados da nossa analyse, e que os elementos dela se encontram todos no quadro que acima traçamos, é evidente a inutilidade de tomar quaisquer notas no Memorial.

Atim de termos n'um só lançamento do Diario todo o Balanço, principiamos por assentar tudo que respeita a Ganhos e perdas.

Reunimos n'uma só partida todos os debitos, n'outra todos os creditos de Ganhos e perdas, e n'uma terceira saldamos esta conta por capital; para isto servimo-nos do quadro supra:

### Diversos a Ganhos e Perdas

Lucro nas seguintes contas:

Panos crus	4:881\$00	
Lãs	11:080\$00	15:961\$00

### Ganhos e Perdas a Diversos

#### A Gastos geraes

Saldo desta conta . . . . . 475\$00

#### A Gastos de casa

Importancia d'esta conta . . . . . 215\$00      690\$00

### Ganhos e Perdas a Capital

Lucro liquido . . . . . 14:738\$00

### Balanço a Diversos

Saldos devedores das seguintes contas:

Caixa	3:000\$00	
Letras a receber	7:600\$00	
Utilidade Publica	800\$00	
Gastos geraes	218\$00	
João de Souza	2:500\$00	
José Corrêa	6:000\$00	
Panos crus	9:500\$00	
Lãs	23:000\$00	52:618\$00

### Diversos a Balanço

Capital	42:738\$00	
Letras a pagar	7:080\$00	
Manuel Brito	2:800\$00	52:618\$00

No livro ou registro de Inventarios e Balanços escreveriamos com toda a minudencia o que existe em letras, em panos crus e lãs. conviria também designar se em Caixa havia dinheiro em papel, como notas, ou se era em metal. Sendo grande a importancia de cobre, é acertado indica-la.

Transferidas todas as partidas do Diario para o Razão, ficam fechadas todas as contas deste, continuando a comercial, e não as tendo encerrado senão para traduzir na linguagem de partidas dobradas a analyse dos nossos trabalhos comerciais, temos de traduzir ainda n'essa mesma linguagem quais são os valores com que continuamos a operar.

Poderiamos creditar Capital por tudo quanto temos, e debita-lo por tudo quanto devemos; em vez d'isto, porem, usa-se de Balanço para reabrir as contas, como dele se usou para as fechar; visto que o Balanço entrega agora cada um dos grupos de valores tudo que recebeu deles, e deixa de ficar obrigado ao pagamento das nossas dividas, temos de debital-o por quanto ha pouco lançamos a seu credito, e a credital-o por tudo quanto ha pouco lançamos a seu debito.

# PROBLEMAS

Esta secção é destinada a problemas de escrituração e aritmetica comercial para os leitores que os queiram apresentar ou resolver.

## Problema n.º 3

A firma Reis & C.<sup>a</sup> procedeu a um inventario geral da sua casa comercial, em 30 de Junho do corrente ano, a fim de a trespassar a Alberto Pereira da Costa, verificando haver o seguinte:

ACTIVO	
Numerario . . . . .	25.000\$—
Mercadorias . . . . .	280.000\$—
Moveis e Utensilios . . . . .	40.000\$—
Devedores . . . . .	55.000\$—
Dinheiro em deposito á o/ no Banco Nacional Ultramarino . . . . .	65.000\$—
Letras a Receber . . . . .	35.000\$—
	<u>500.000\$—</u>
PASSIVO	
Credores . . . . .	162.500\$—
Letras a Pagar . . . . .	67.500\$—
Fundo de Reserva . . . . .	50.000\$—
Antonio Reis, c/ capital . . . . .	50.000\$—
Mario Duarte, c/ capital . . . . .	70.000\$—
Americo Silva, c/ capital . . . . .	100.000\$—
	<u>500.000\$—</u>

O trespasse effectuou-se nas seguintes condições:

Alberto Pereira da Costa adquiriu o	
Mercadorias, por . . . . .	250.000\$—
Letras a receber, por . . . . .	35.000\$—
Moveis e Utensilios, por . . . . .	37.500\$—
Devedores, c/ 25 % de abatemento . . . . .	41.250\$—
	<u>363.750\$—</u>

que pagou aceitando Letras sacadas por Reis & C.<sup>a</sup> na importancia de 300.000\$— e entregando em dinheiro os restantes 63.750\$—, e assumiu o encargo da liquidação do

## PASSIVO

Credores . . . . .	162.500\$—
Letras a Pagar . . . . .	67.500\$—
	<u>230.000\$—</u>

— Escriturar no Diario de Reis & C.<sup>a</sup>, os lançamentos daquelas operações e os da divisão do resultado final pelos socios, proporcionalmente ao respectivo capital.

Silvio

## ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS PARTIDAS DOBRADAS

Continuação

Em Nippur, numa excavação feita pela Expedição da Universidade de Pensylvania, encontraram-se 730 taboas com registros das transacções de **Marashu e Filhos**—do tempo de Artaxerxes I (464-424 antes de Christo). Outras taboas indicam a existencia de firmas importantes 2.700 annos antes de Christo.

São registros de transacções, sem duvida, mas nenhum conhecimento temos do modo por que eram organisadas as contas. O **Budge, do Museu Britanico**, diz que essas taboas registram, de facto, transacções commerciaes, mas nenhuma, talvez, poderá ser considerada como um registro de contas como modernamente as entendemos.

A mais antiga referencia á arte das contas encontra-se na Biblia como preceito aos filhos de Israel: «**Quodcumque trades, numera et appende; datum vero et acceptum, omne describe**». E dos tempos hebraicos para os tempos mais proximos achamos na Grecia e em Roma a escripturação já com importancia adquirida. Em Athenas as contas se prestavam solemnemente diante dos cidadãos, e mais tarde, abolido tal uso, se esculpiram nas pedras afim de que se tornassem publicas e cada um podesse censural-as livremente.

**Demosthenes** menciona algumas vezes, em suas orações, os registros que os banqueiros compilavam.

E' assim que elle faz **Apellodoro** dizer: «Costumam todos os banqueiros, quando alguem deposita dinheiro em suas mãos com a ordem de ser restituído a uma outra pessoa, escrever o nome do depositante e a importancia do dinheiro. Depois annotam á mar-

gem o nome da pessoa a quem deve ser restituída a somma.

Si conhecem de vista a pessoa a que hão de restituir a somma, annotam sómente o seu nome; si não a conhecem, acrescentam á margem o nome de quem acompanhará e apresentará a pessoa que há de receber o dinheiro». Num outro lugar, numa oração contra **Timotheo, Demosthenes** faz dizer a **Apollodoro**: «Costumam os trapezistas escrever os dinheiros que entregam, porque entregam, e os nomes das pessoas que os recebem—e isto para que possam dar conta do que é recebido e do que é pago».

Conhecem-se hoje papyros em lingua grega, que datam dos primeiros seculos da era christã, os quaes não são mais do que registros e contas de varias indoles—alguns são contractos relativos a negocios particuiars, outros registram negocios de bancos, e outros contêm, a conta de impostos cobrados.

**Aristoteles** nos diz que os officiaes encarregados de receber as contas eram perseguidos si se descuidavam de prestá-las, é não raro eram condemnados á prisão com perda dos seus bens e ás vezes até á morte. Quanto ao methodo empregado pelos gregos no registro dos seus negocios nada sabemos.

**Perrot**, fallando dos banqueiros athenienses, num artigo sobre **Demosthenes** e os seus contemporaneos,—artigo apparecido na «Revista dos Dois Mundos», em 15 de Novembro de 1873,—diz:

«Os banqueiros tinham livros a que os oradores e escriptores antigos fazem frequentes allusões; faziam a sua escripturação por partidas dobradas e todas as sommas que lhes passavam pelas mãos figuravam

nesses registros com a data da entrada e da saída.

Mas Perrot não nos diz porque eram taes livros escripturados por partidas dobradas. Não adduz prova alguma. De tal modo tudo se pode affirmar, — observa justamente **Bariola**. Da escripturação dos romanos ha mais amplo conhecimento.

O **rationarum**, ou **breviarium imperu**, segundo **Tacito**, era um livro no qual se registravam calculos taes como quantos cidadãos, quantos alliados estavam em armas, quantas eram as classes, os reinos, as provincias, a somma dos tributos e provisões, as dotações e as necessidades do imperio.

O **rationarum**, ou **breviarium**, foi empregado depois de Augusto, e, segundo **Budeau**, era como um dos nossos orçamentos. Elle continha a fixa-

ção da renda e da despeza publica. Melhor, porém, se dirá que o **breviarium** tinha por fim estabelecer approximadamente as condições economicas do imperio e mais especialmente o estado de suas finanças. Havia tambem o **kalendarium** O **kalendarium** era forçosamente um livro de vencimentos. Era o livro em que se annotavam os prazos das obrigações assumidas e dos direitos adquiridos. Este livro pertencia, sem duvida, ao complexo dos livros usados pelos particulares, — pelos banqueiros e argentarios, — que faziam emprestimos a prazos, — e tinha um systema completo de escripturação com o **adversaria** ou **ephe-meris**, o **codex rationum** ou **tabula rationum**, o **codex accepti et expensi**, e o **liber patrimonium**. — (Continua) **Carlos de Carvalho**

## A RESPONSABILIDADE PROFESSIONAL

Onde se narram alguns casos em que a responsabilidade profissional é posta em foco e se conclue pela necessidade da criação dum Grémio Corporativo

Proseguindo na reprodução do que, sobre a responsabilidade profissional, escreve o nosso confrade *Questions Comptables*, damos hoje à meditação dos nossos leitores alguns exemplos respigados daquêlles nosso colega.

Concretizando, o autor do artigo a que nos reportamos parte desta divisa:

**A contabilidade é a transcrição fiel das operações duma empresa.**

«O guarda-livros — diz-se na citada revista — pode enganar-se na passagem dum lançamento, pode aplicar, erradamente, uma rubrica em vez de outra, mas, sendo a dualidade bem observada, não advirá daí uma alteração de resultados, prejudicial a terceiros.

*Trata-se dum erro; e se a responsabilidade do guarda-livros pode ser encarada, êsse facto provocará, tam sómente, uma reprimenda por falta profissional da parte do chefe da empresa. Errare humanum est.*

«Já o mesmo se não pode pensar no caso duma alteração que tenha em vista *induzir alguém em erro*, por qualquer motivo.

**Alguns exemplos narrados por profissionais escrupulosos, que, nobremente, recusam a sua cumplicidade.**

Precisando casos e citando os seus exemplos de factos narrados por colegas nossos, que neles se viram envolvidos, o articulista de *Questions Comptables* narra o seguinte caso, que reproduzimos com os comentários respectivos.

*Um comerciante embaraçado, cuja empresa periclitava, entrava em relações com um Banco que se declarava disposto a auxiliá-lo, abrindo-lhe um credito, mediante a apresentação de pessoas que o recomendam ao Banqueiro;*

*entretanto, este condicionava a abertura do crédito à apresentação dum balanço sincero. Sincero, o balanço não poderia decidir o banqueiro; o comerciante pediu ao seu guarda-livros para lhe estabelecer um balanço... favorável, digamos a palavra: «um balanço truncado.»*

«Aceitando esta proposta, o guarda-livros tornar-se-ia culpado duma cumplicidade, pois que a sua... digamos: habilidade em apresentar, sob aparências aceitáveis, uma situação comercial critica era de natureza a inspirar confiança a um prestamista de dinheiro.

«Trata-se aqui duma abertura de crédito solicitada; o resultado seria o mesmo tratando-se dum fornecedor de capitaes (*Caillieur de fonds*) ou dum comantário.

«Se, graças ao credito assim obtido, a empresa prosperasse, a fraude original poderia não mais aparecer; mas, se a queda não pudesse ser sustada, os terceiros emprestadores poderiam vir a ter conhecimento do processo empregado e a perseguir judicialmente o beneficiado pelo emprestimo.

«Em taes circunstâncias, o comerciante em questão poderia, mentindo, é certo, mas muito provavelmente, declarar que ignorava por completo o que se passava na contabilidade e que não havia exercido qualquer pressão sobre o seu guarda-livros, a quem attribuiria inteiramente as culpas.

«Uma tal defesa não iludiria o tribunal, mes teria pelo menos deixado pairar a dúvida sobre a honorabilidade do guarda-livros.

«E se o processo levantado ao comerciante abrangesse, solidariamente, o guarda-livros, qual teria sido a decisão do tribunal em relação a êste último?»

(Continua)

J.

## AOS COMERCIANTES

### TOMEM BEM NOTA

Uma casa comercial ou industrial é um corpo. A contabilidade é o cerebro desse corpo; a estatística são os olhos desse cerebro.

Organisem as suas estatísticas e combinem-as com as estatísticas gerais.

Verão como colhem bons resultados e bons ensinamentos.

Arranjem guarda-livros que saibam organizar a escripturação segundo os modernos processos.

Só assim podem acompanhar a evolução dos negocios e caminhar com segurança.

Tal como vivem, caminham ás cegas, ao acaso, e hoje em dia, em negocios, não devemos estar á mercê dos acasos que podem ser a nossa ruina.

J. C.

A "Associação dos Contabilistas e Guarda-Livros do Norte de Portugal" indica por obsequio guarda-livros de confiança.

"A Voz do Comercio" igualmente, a respeito de empregados no comercio de quaisquer categorias.

# MONOGRAFIA

## CONTABILIDADE BANCARIA

Banco Mercantil e Industrial de São Paulo

(Continuação)

REGISTO DE ACCIONISTAS

A. MIRANDA

13

Data			Livro de transferências		Ações de Frs. 500					Valor realizado		OBSERVAÇÕES	
			Folio	Termo	Adquiridas	Vendidas	Saldo que possui	Caucionadas	Resgatadas	Possue livres	o/o		Frs.
1899	Janeiro	2			1200		1200			1200	50	300.000 00	

PIRES DO PRADO

14

Data			Livro de transferências		Ações de Frs. 500					Valor realizado		OBSERVAÇÕES	
			Folio	Termo	Adquiridas	Vendidas	Saldo que possui	Caucionadas	Resgatadas	Possue livres	o/o		Frs.
1899	Janeiro	2			1200		1200		200 *	1200	50	250.000 00	

NORTON & COMP.

15

Data			Livro de transferências		Ações de Frs. 500					Valor realizado		OBSERVAÇÕES	
			Folio	Termo	Adquiridas	Vendidas	Saldo que possui	Caucionadas	Resgatadas	Possue livres	o/o		Frs.
1899	Janeiro	2			5000		5000			5000	50	1.250.000 00	

CREDIT PARISIEN

16

Data			Livro de transferências		Ações de Frs. 500					Valor realizado		OBSERVAÇÕES	
			Folio	Termo	Adquiridas	Vendidas	Saldo que possui	Caucionadas	Resgatadas	Possue livres	o/o		Frs.
1899	Janeiro	2			9000		9000			9000	50	2 250.000 00	

*Nota* O numero assinalado com o asterisco indica o de ações caucionadas ao Banco em garantia da gestão de director, conforme determinam os estatutos.

*Continua*

*Horacio Berlinck*

## SEÇÃO LITERÁRIA, ARTÍSTICA, MORAL E SCIENTÍFICA

## ORAÇÃO A PORTUGAL

(Continuação)

Bemdito Portugal com capitães garbosos,  
que, vendo ao longe terra nova,—na abordagem,  
se impunham logo como os nautas valerosos,  
pela brandura (1) para o indígena selvagem;  
bemdito seja o varonil conquistador  
de Centa forte e Arzila e Tanger e Azamor,  
bemdito Afonso V e «reis de Portugal»  
e dos Algarves e do Brasil,  
d'aquém e d'além-mar em Africa, senhores,  
ainda, da Guiné e da conquista,  
navegação e do comércio, e, ainda,  
da Etiópia, Arábia Pérsia e Índia»,  
e Francisco de Almeida em Quinloa (2) e Índia em

Mombaça

e grandes vice-reis, e Afonso de Albuquerque  
rijo onde quer que houvesse luta ou ameaça,  
alma formada só de juba de leão,  
um dos maiores capitães-de-guerra,  
que, ante o turco brigão e o xátria que o ataca  
num turbilhão que o aterra,  
nas muralhas de Góá, Ormuz e de Malaca,  
fez tremer Hidaleão,  
fez tremer a Ásia e fez tremer a terra;  
e que aos embaixadores  
do muito alto Rei de Xiraz, que exigia  
tributos e favores sem razão,  
mostrou, com galhardia, as lanças e os pelouros,  
dizendo em repelão:

«Esta é moeda com que el-Rei de Portugal,  
paga o tributo aos inimigos,  
porque aos amigos  
destina um fruto original,  
um mágico tesouro, um galardão,  
que é ouro, que é amor do coração»,  
bemdito Portugal

com Francisco Xavier, o «apóstolo do oriente»,  
que em fé ardente conseguiu ir ao Japão,  
e Nóbrega e Navarro e Aspilcueta  
e o apóstolo-do-Novo Mundo—o grande  
Anchieta audaz  
que andou semeando a Fé, que tudo expande  
em torrentes de paz;  
bemdito Portugal,

que nos cercos de Dio, encontraste um  
e D. João de Mascarenhas e Duarte Silveira  
Pacheco e a maltesia enérgica, trigueira,  
que sempre é em qualquer parte,  
sabe morrer afim de dar-te  
a glória feiticeira;  
bemdito D. João de Castro venerando,  
que, para recompor as muralhas de Dio,  
cheio de brio e pundonor,  
pediu a Góá 20:000 pardáus, mandando  
as barbas em penhor;  
e bemdito Fernão de Magalhães jocundo (3)  
dando, entre as ondas, a primeira volta ao mundo;  
e o trigueiro Tristão da Cunha, chefiando  
a mais rica, a mais bela embaixada, que o mundo  
jamais viu, quando el-rei D. Manuel primeiro  
deu ao pápa Leão décimo um sobranceiro

cavalo pérsico e uma onça e um elefante  
e um deslumbrante e senhoril pontifical  
e, aos, borbotões, topásios, pérolas brilhantes,  
ouro e rubis das Possessões de Portugal;  
e bemdito Camões, que, os «Lusiadas» compondo,  
na mente e oração e na boca foi pondo  
de toda a gente, em todo o mundo, de uma vez,  
um nome eterno,—o nosso nome português;

(Continua)

Marques da Cruz

(1) O Português, entre cujas características psíquicas apa-  
recem a *impetuosidade a ternura*, tratava sempre—assim o  
afirmam as crónicas antigas—os indígenas selvagens com o  
modo brando de um verdadeiro colonizador, e erguia logo na  
terra, aonde abordava, uma igreja, uma escola e um hospital.  
(«Beneficência» é o nome que pôs, no Brasil, aos hospitais).

(2) A pronúncia certa é *Quilôa* e não *Quilôa*, como vul-  
garmente se diz. Se fôsse Quilôa o verso de Camões do canto V,  
no episódio do Adamastor: «a destruída *Quilôa* com Mombaça»,  
estaria errado. Vide Cândido de Figueiredo, Gonçalves Viana e  
outros filólogos.

(3) Morreu na Ilha de *Zebu* (uma das Filipinas), tendo  
feito a parte mais difícil da viagem. O continuador foi o espanhol  
Sebastião del Cano.

Os jovens devem olhar para a vida como para um  
campo de batalha. Sem esforço, sem sacrificio, sem  
trabalho não ha beleza, não ha pureza, não ha amor,  
não ha paraizo!

P. da C. (Do livro «Pureza ou Morte»).

Amai a causar satisfação.

Mme de Stael

A satisfação que de nossos inimigos havemos de  
tirar, é querer-lhes todo o bem que pudérmos.

S. Francisco Xavier

A sciencia é a mais alta esmola que pode dar-se.

Fuller

## Todos devem conhecer:

- O valor do tempo.
- A necessidade da perseverança.
- O prazer de trabalhar.
- A dignidade da simplicidade.
- O valor do caracter.
- A força da bondade.
- A influencia do exemplo.
- A sabedoria da economia.
- A virtude da paciencia.
- A obrigação do dever.
- A alegria da iniciativa.

## NOTAS DE THEATRO

por GUIDO SEVERO

## THEATRO S. JOÃO

Companhia Alves da Cunha—  
Berta de Bivar

Após o cumprimento de várias reformas determinadas pela Inspeção Geral dos Theatros, reabriu as suas portas o nosso primeiro teatro, para início da época de inverno, com a apresentação da aplaudida companhia dramática Alves da Cunha-Berta de Bivar.

A inauguração dos seus espectáculos fez-se com a representação da peça «Envelhecer», do nosso grande dramaturgo Marcelino de Mesquita, drama que constituiu um dos bons exitos da antiga companhia do antigo teatro D. Amelia, de saudosa memoria.

Este original é duma infinita delicadeza, decorrendo a acção da peça suave e tranquilamente, ainda que por fim venha a ter um desfecho trágico.

Alves da Cunha, fóra do seu *emploi*, encarregou-se do protagonista, o sentimental ex-diplomata Eduardo de Melo, tipo fino e gasto por uma intensa vida de boémia e de requintado epicurismo, que aos cinquenta anos encontrou a mulher sonhada pela vida fóra, mas de cuja posse tem de desistir em holocausto aos preconceitos e ás conveniências sociaes.

O grande trágico, que todos nós temos admirado e aplaudido no seu teatro forte,—*A Fera, O autoritário, As Duas Causas, A Garra*, etc.,—nem sempre imprimiu ás scenas culminantes de amor, transcendentes do mais acentuado sabor romantico, a desejada ternura que o seu papel exige.

A sua máscara de traços vigorosos e enérgicos, nem sempre se amoldou ao personagem de torturado por um amôr inconfessavel, que representava.

O seu *facies* de homem voluntarioso, nem sempre nos pode apresentar um jogo fisionómico bastante perfeito, para bem traduzir o profundo amor, por vezes piegas, que incendeia uma alma apaixonada e idealista.

A seguir, deu-nos o *Kean*, peça em cinco actos em prosa, de Alexandre Dumas, pae, com as suas nobres atitudes e desvairamentos, com um argumento interessante pela variedade e habil arranjo dos episodios.

Alves da Cunha, no papel do grande trágico ingles, encarnou-o com talento e segurança. Marcou a scena da taberna primorosamente. Desempenhou com a mais evidente naturalidade e intensissima vibração, a scena dos impropérios contra o Principe de Gales, durante a representação do *Hamlet*.

A seu lado, Berta de Bivar contracenou com acerto.

Joaquim de Oliveira, artista que se sabe caracterisar, desempenhou os seus papeis correctamente.

Alves da Costa, distinto galan, Constança Navarro, delicada ingénua e Elvira Vellez, bôa caracteristica, representaram com propriedade.

Deve-se destacar o actor Aurelio Ribeiro, nosso velho conhecimento do teatro musicado, pela correcção e originalidade que imprimiu ao Salomão, no «Kean».

Neste papel, excede todos os seus antecessores que tenho visto em identico trabalho.

Tambem Irene Vellez, dá muita graciosidade ao «travesti» de saltimbanco na mesma peça.

Scenários bons. Mobiliários e interiores a preceito.

E' de estranhar que sendo a acção da peça pas-

sada em começos do século XIX, a indumentaria, principalmente feminina, não seja rigorosamente á época.

## ODEÓN (CINE-TEATRO)

Companhia Elisa Santos—Silvestre  
Alegrim—Alves da Silva

Reabriu este elegante e aprazível teatro, após uma curta interrupção, com a *première* de *A Cova da Piedade*, comédia musicada em 3 actos e 4 quadros.

O seu activo e diligente empresário snr. A. da Silva Marta, não se poupando a esforços, conseguiu trazer á sua casa de espectaculos uma bôa companhia de género musicado, cuja falta se fazia sentir, uma vez que o Aguiá d'Ouro foi transformado em cinema e o Carlos Alberto encerrado para obras.

A peça de estreia, são três actos de costumes lisboetas que se desenrolam numa pensão, onde as situações habilmente architectadas se succedem, mantendo sempre a plateia em constante hilaridade.

A valorisar certas scenas, espalham-se pela peça números de musica saltitante, de agradável audição. O desempenho satisfaz plenamente.

Elisa Santos, galante actriz, tem sabido conquistar admiradores pelo modo parisiense como canta os *couplets*, a que empresta sempre uma grande malicia, e por sêr uma artista que veste bem, e sabe estar em scena.

Apresentou toilettes de elegancia *raffinée*.

Dora Vieira, actriz de mérito, fez uma caracteristica com habilidade.

Judith Silva, declamou com relevo.

Alfredo Henriques, baritono apreciavel, cantou com *panache* o fado do *chauffeur*, em que exhibe os seus harmoniosos recursos vocaes.

Silvestre Alegrim, artista cómico de vastos recursos, vincou a nota grotesca com grande naturalidade.

Teodoro Santos, artista de tradições, fez uma rábula com habilidade. Carlos Alves, Salvador Braga e Maria Mesquita, muito bem.

Orquestra afinada, dirigida pelo *maestro* Raul Angelo.

E' digno de destaque o scenario da Avenida da Liberdade, com vistosos efeitos de luz.

A seguir, representou-se a opereta em 3 actos Maria Rapaz, que tem feito afluir a este teatro numeroso público e de que falaremos oportunamente.

## PALACIO DE CRISTAL

Companhia de Circo

O activo e inteligente cav. Guido Fazio,—conhecidissimo no mundo artistico estrangeiro,—empregando todos os seus profundos conhecimentos do *métier* de empresário, organisou uma companhia de variedades que se vem exhibindo na pista do Palacio com nitido agrado do Publico, e intraduzível encanto da petizada, que folga com as pantominas dos clowns.

Todos os números são bons, destacando-se o dos «*Meteors*», 7 primorosos ginastas, trapezios volantes, que é dum efeito seguro e deve constituir o *clou* da Companhia.

Ultimamente o elenco artistico desta Companhia, foi valorizado com a apresentação de miss Fakara, a mulher radio, que realisa curiosas experiencias de telepatia.

# GRANDE COLÉGIO DA BOAVISTA

(FUNDADO HA 66 ANOS)

PARA O SEXO MASCULINO

Internato, Semi-Internato, Externato — **URSOS:** Primário, Liceal (com p eto) e omercial, Músic .

**RUA DA BOAVISTA, 112** TELEFONE, 4068

FILIAL

**VILA REAL**

**COLEGIO NOSSA SENHORA DA BOAVISTA**

Palacete das Virtudes

FILIAL

**S. JOÃO DA MADEIRA**

**Colegio Castilho**

(Foi inaugurado em 11 de Outubro)

## ESPECTACULOS E DIVERSÕES

*Teatro S. João*

**Companhia ALVES DA CUNHA**

O maior tragico português de que faz parte a distinta actriz BERTA DE BIVAR

*Teatro Sá da Bandeira*

Telefone, 2595

EMPRESA ANTONIO CASTRO

**Companhia ESTER LEÃO—  
ALEXANDRE DE AZEVEDO**

— EXCELENTE REPORTORIO —  
MAGNIFICO CONJUNTO ARTISTICO

*Jardim Passos Manuel*

Telefone, 1024

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz sob a direcção do grande artista FERNANDO CARRIEDO

*Salão Jardim da Trindade*

Telefone, 4412

Rendez-Vonz da sociedade elegante portuense

**Soirées Chics**

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efsio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

*Olympia*

Telefone, 532

Maquina de projecção SAXONIA com um foco duma nitidez perfeitissima.

Neste salão são apresentadas sempre as melhores "super-produções". Orquestra de concerto primorosa composta de nove professores sob a direcção do insigne violinista LAMY REIS

*Agua d'Ouro*

Telefone, 9619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renome mundial.

MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 13 professores sob a direcção do maestro HORACIO BORGES

*Odeon «Cine-Teatro»*

Empresa A. da Silveira Marta—Telefone, 4850

R. Pto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

Companhia de comédias e revistas

*Elisa Santos—Silvestre Alegrim  
Dora Vieira—Theodoro Santos*

MAGNIFICO ELENCO — Reportorio Alegre

PREÇOS POPULARES

*Carreiras de electricos no fim dos espectaculos*

*Novo Salão High-Life*

Telefone, 1407

*Praça da Batalha*

O cinema mais popular do Porto

**Peliculas sensacionais**

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

*Palacio de Cristal*

Grande Companhia de Circo

**Acrobatas a cavalo**

*Os mais aplaudidos clowns*

**Ginastas, equilibristas e voadores**

PREÇOS POPULARES